Cadernos de Gênero e Tecnologia
ISSN: 1807-9415

http://periodicos.utfpr.edu.br/cgt

Como a ciência mudou a minha vida

Barbara Antunes da Silva
Email: barbara.ad.silva@gmail.com
Orcid:http://orcid.org/ 0000-0002-4633-3869
Instituição: Ministério da Saúde, Brasília, DF, Brasil

RESUMO

O presente artigo discute como a ciência pode transformar trajetórias individuais e produzir impactos sociais, tomando como referência a história da jovem cientista Juliana Davoglio Estradioto, apresentada em conversa realizada pelo projeto Conversando Sobre. A partir da análise de seu relato e de fontes documentais, aborda-se o papel da educação pública, especialmente dos Institutos Federais, na democratização do acesso à pesquisa e na formação de jovens cientistas. A trajetória de Juliana evidencia como a curiosidade e a inquietação diante de problemas cotidianos podem originar pesquisas inovadoras, voltadas ao reaproveitamento de resíduos agroindustriais e à produção de materiais biodegradáveis. Também são discutidas as desigualdades de gênero, a insuficiência de recursos e a necessidade de valorização da ciência. Conclui-se que ampliar oportunidades de formação e pesquisa é fundamental para que novos talentos científicos possam desenvolver seus potenciais.

PALAVRAS-CHAVE: Educação pública. Institutos Federais. Iniciação científica. Mulheres na ciência. Sustentabilidade.

INTRODUÇÃO

Se pensarmos em uma educação emancipadora, com certeza pensaremos em transformar paradigmas ditos pela presente sociedade. Uma dessas transformações é a superação da ideia antiquada de que a ciência não é um lugar para as mulheres. Temos verdadeiras inspirações, não só em tempos atuais, que provam que as mulheres fazem ciência sim e com maestria.

A jovem Juliana Davoglio Estradioto[1] está entre essas inspirações! A cientista, que com apenas 20 anos tem realizações inéditas no Brasil, contou um pouco sobre sua carreira na pesquisa e como a ciência mudou a sua vida em conversa realizada no projeto Conversando Sobre, coordenado pela professora Dr. Lindamir Salete Casagrande e pelo Ms. Michel Alves Ferreira, pesquisadores membros do Núcleo de Gênero e Tecnologia – GeTec da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), em conversa virtual realizada na rede social Instagram em agosto de 2020[2].

Nascida em Osório, uma cidade com cerca de 40 mil habitantes no Rio Grande do Sul (PREFEITURA DE OSÓRIO, 202-) e oriunda de escola pública, Juliana vem se destacando no cenário da pesquisa científica e acumula grandes realizações: ela foi a primeira jovem brasileira selecionada para participar da cerimônia do Prêmio Nobel, venceu uma feira de ciências que lhe rendeu um asteroide em seu nome (Guimarães, 2019) e conquistou vários prêmios em competições e feiras de ciências (locais, regionais, nacionais e internacionais) para estudantes do ensino médio (Savignano, 2019).

Uma jovem adulta sonhadora como Juliana se definiu em meio a vários sorrisos, a pesquisadora encanta com a paixão pela ciência que transborda em seu olhar e nas falas. Estradioto afirmou que são os sonhos que nos mantêm vivos, e defendeu que é preciso desmistificar a ideia que é preciso ser gênia para ser cientista. Nas palavras dela: “não é preciso ser o Einstein, um homem, velho, branco, de cabelo branco para ser cientista” (Casagrande, 2020).

Inusitadamente, Juliana começou a trilhar o caminho da pesquisa quando cursou o ensino médio Técnico em Administração no Instituto Federal de Educação do Rio Grande do Sul (IFRS), Campus Osório, onde fez parte como voluntária de um projeto de extensão da engenheira de alimentos com a professora Flávia Twardowsk, o qual buscava auxiliar os agricultores familiares da região do litoral norte do Rio Grande do Sul quanto aos resíduos agroindustriais que geram uma grande quantidade de lixo orgânico. Foi a partir disso que Juliana começou sua paixão pela ciência e pela pesquisa.

A jovem cientista, que ingressou no IFRS aos 14 anos, salientou o quão importante em sua vida foi fazer parte dessa instituição que considera de extrema qualidade. Juliana destacou que precisamos defender as instituições públicas de ensino, pontuando que os Institutos Federais (IFs) oferecem incentivam a pesquisa e oferecem vários recursos que as Universidades Federais (UFs) dispõem para as e os estudantes, porém os IFs incluem estudantes que estão no ensino médio.

Além disso, Estradioto evidenciou a importância de os IFs levarem para o interior dos estados o ensino de qualidade e a oportunidade de desenvolver pesquisas, o que pode mudar a vida de pessoas que sem essa condição de ter um IF na cidade não chegariam aos IFs e UFs que geralmente estão centralizados em capitais, como pontuou a curadora da conversa, professora Lindamir.

Ressalta-se que o processo de interiorização dos IFs e UFs transformam não só a vida das e dos estudantes que têm a oportunidade de estudar nessas entidades em suas cidades, mas também toda a comunidade da região, contribuindo para o seu desenvolvimento como o exemplo de Osório que, além do município fazer parte dos projetos desenvolvidos pelo IFRS, ficou mundialmente conhecida através das pesquisas e premiações conquistadas pela Juliana.

Toda pesquisa começa com uma inquietação, um questionamento, e o que instigou Juliana foram os resíduos agroindustriais serem descartados como lixo. A cientista queria descobrir uma maneira de dar outro destino a eles que não o simples descarte. Estradioto olhou para o lixo e viu a matéria-prima.

Além da inquietação, pode-se dizer que é fundamental para pesquisadoras e pesquisadores terem quem acredite e impulsione as pesquisas, afinal, se a ideia que surge for vista como loucura, inviável, sem nenhuma chance, o caminho da pesquisa é bem mais difícil. Esse papel catalisador na vida de Juliana foi desempenhado por sua professora Flávia Twardowsk, que na época ministrava aulas de Gestão da Produção e Qualidade e a ensinou desde o básico, como disse Estradioto, que "pesquisa é mais do que jogar algo no Google" (Casagrande, 2020).

Também foi de grande importância para a Juliana descobrir que cientistas não são apenas os finados grandes nomes da ciência, como Isaac Newton e Albert Einstein, mas que tem muitas pessoas jovens fazendo ciência. Como assinalou Lindamir, além de nos ensinarem apenas sobre esses cientistas, desconsideram as grandes mulheres da ciência, como Marie Curie. Percebe-se o quão importante é a representatividade. Se ensinam às crianças que ciência é "coisa de menino" ou simplesmente não se mostra os grandes feitos das mulheres na ciência, as meninas futuras cientistas já começam em desvantagem brigando para ter espaço em um mundo que muitos tentam manter masculino e branco.

Então motivada, com possibilidades e cheia de sonhos, Juliana participou de várias pesquisas na linha de reaproveitamento de lixo orgânico para produção de materiais alternativos, principalmente para criação de plásticos biodegradáveis e produtos utilizados na área da saúde. Sua primeira participação foi no projeto que transformou cascas de maracujá, que eram geradas na região de Osório, em um plástico biodegradável, a partir de um composto da fruta que se assemelha ao amido encontrado em tubérculos e que são a base de plásticos biodegradáveis.

Dos desafios que Juliana enfrentou nessa pesquisa, ela relatou que não havia um grande laboratório de química no *campus* onde estudava, de forma que utilizou o laboratório de panificação, pertencente a um dos cursos técnicos da instituição, para realizar seus experimentos, adaptando os conhecimentos que adquirira nos estudos para a realidade que tinha.

A pesquisadora relatou em meio a sorrisos que, apesar da falta de recursos, o desafio foi divertido para ela. Nas suas palavras: "a diversão da gambiarra também, para mostrar que cientista brasileiro usa a curiosidade em todos os níveis" (Casagrande, 2020). E é essa uma das características para se fazer ciência, a curiosidade, como afirmou a professora Lindamir.

Olhar para uma casca de maracujá e ver nela a possibilidade de criar um produto que contribui para a toda a vida terrestre, no sentido de diminuir a poluição, é realmente um grande feito movido pela curiosidade. Juliana enfatizou que geralmente não se pensa no impacto ambiental dos produtos que utilizamos, na poluição dos mares causada pelos plásticos, por exemplo, que o projeto é de significativo impacto nesse aspecto e que ele foi patenteado, o que apontou ser

uma importante conquista de um projeto desenvolvido por uma estudante de ensino médio.

O segundo projeto que Juliana desenvolveu, também ligado a materiais biodegradáveis, foi realizado com farinha de macadâmia. Fazendo analogia ao processo de produção de um pão para explicar o produto que criou, a cientista contou que em seu projeto ela utilizou microrganismos que se alimentam da farinha da casca de noz macadâmia e produzem um material biológico que pode ser utilizado desde uma alternativa para os plásticos, até nas áreas de medicina e saúde. Além da degradação em meses desse material, ele é compatível com o corpo humano, e estudos demonstram que pode ser utilizado como, por exemplo, pele e artérias artificiais.

A pesquisadora chamou a atenção em sua fala sobre a necessidade das e dos consumidores se atentarem quando virem algo vendido como biodegradável, pois muitas vezes é apenas uma jogada de marketing e o material ainda é a base de derivados de petróleo. Também pontuou que toda ação é válida, inclusive nos comportamentos individuais, para buscarmos a redução de produção de resíduos. Como ponderou a professora Lindamir, do ponto de vista do planeta Terra "não existe jogar fora".

Os trabalhos desenvolvidos por Juliana têm gerado prêmios. Dentre eles dois foram destacados na conversa. O primeiro é a nomeação de um asteroide com a adaptação do sobrenome da pesquisadora. Ela contou que o prêmio é resultado da sua participação na *International Science and Engineering Fair* (ISEF), realizada anualmente nos Estados Unidos pela *Sociaty for Science*, uma Organização Não Governamental (ONG) que busca a promoção da compreensão e apreciação da ciência e do papel vital que ela desempenha no desenvolvimento humano (Society For Science, 2021). Em sua conta no Instagram, Estradioto publicou em maio de 2019 o vídeo do momento em que ela é anunciada como vencedora do *"1ST Place - Physical Sciences: Materials Science"* (Estradioto, 2019), é emocionante assistir a jovem brasileira subindo naquele palco, é o momento em que toda jovem brasileira sonhadora que tem um pouco ou nenhum acesso a recursos vence com a pesquisadora.

A *Society for Science* promove várias premiações e tem uma parceria com o *Massachusetts Institute of Technology* (MIT), onde no *Lincoln Laboratory* são desenvolvidas pesquisas para descobrir asteroides no sistema solar e as descobertas são nomeadas com importantes nomes da ciência mundial (Society for Science, 2021). As e os jovens cientistas que ficam em primeiro e segundo lugar nas categorias de premiação da ISEF são contemplados com seus sobrenomes adaptados para nomear os asteroides descobertos. Juliana agora faz parte de uma lista seleta de pessoas que têm seus nomes em asteroides, como a Marrie Currie, Albert Einstein e Neil Amstrong, um grande feito já que, como salientou a pesquisadora, é imensa a dificuldade de se fazer ciência em um país como o Brasil que não prioriza os investimentos nas pesquisas científicas.

A jovem cientista pontuou as adversidades de ser pesquisadora, como por exemplo a falta de reconhecimento da população sobre os estudos desenvolvidos, o fato de estudantes que recebem bolsa para desenvolverem pesquisas não serem vistos como trabalhadoras e trabalhadores, a falta de direitos trabalhistas, a quantidade de anos dedicados ao estudo para a formação de cientistas e muitas vezes não há oportunidade de emprego para egressos das universidades, toda a desvalorização não só profissional, mas também dos espaços de educação, a falta

de investimentos, os cortes de orçamentos para a pesquisa e a falta de infraestrutura para desenvolvimento dos estudos. Não é raro pesquisadoras e pesquisadores investirem recursos próprios para dar continuidade aos seus trabalhos.

É nesse cenário nada favorável às pesquisas que Juliana reforçou a relevância de ter suas pesquisas reconhecidas, para que as pessoas possam entender a importância da ciência, promovendo a educação de brasileiras e brasileiros na ciência, demonstrando que tudo que utilizamos no dia a dia tem ciência e que há muita pesquisa de qualidade sendo realizada no Brasil, inclusive por pesquisadoras e pesquisadores que ainda não ingressaram na graduação. Porém, enaltecimento dos esforços individuais a parte, Estradioto destaca que é necessário investimentos para que os conhecimentos tão importantes continuem sendo produzidos.

Juliana destacou o momento atual de pandemia, em que o assunto diário sobre a Covid-19 e a produção de vacinas está sendo observado por toda a população mundial, evidenciando a importância dos estudos científicos e que é necessário que as pessoas entendam o processo de pesquisa, assim como somarem na luta pela defesa da ciência, como por exemplo participando das Marchas pela Ciência[3]. A cientista reforçou que sem o desenvolvimento científico não há desenvolvimento econômico e social, de maneira que precisamos da ciência e da educação presentes em nossa vida o tempo todo.

A professora Lindamir comentou que a intenção de entrevistar a Juliana se deu pelo fato desta ser uma admirável jovem cientista, que iniciou sua carreira prematuramente e se adaptou a realidade da instituição onde estudou, mas também a convite para a conversa intencionou demonstrar para as e os outros adolescentes que a pesquisa é possível, um trabalho nada fácil, mas fascinante.

Esse encanto pela pesquisa percebe-se no olhar de Juliana, que demonstra paixão pelo que faz e grande contentamento pelos resultados já alcançados. Nota-se que a ambição da pesquisadora está para além do sucesso pessoal, o que ela realmente busca é contribuir para a sociedade e destacou que qualquer esforço que se faça por uma sociedade mais sustentável é válido, que uma pequena mudança, como diminuir o uso de descartáveis, já faz toda a diferença.

O segundo prêmio comentado na conversa foi o convite que Juliana recebeu para assistir à cerimônia do Nobel em 2019 (Fabro, 2019). A pesquisadora, que relatou que o acontecimento foi marcante em sua vida, além de participar da cerimônia da entrega do prêmio pode participar de diversas atividades na semana, inclusive do Seminário de Ciências Juvenis de Estocolmo, um evento voltado para jovens de ensino médio, graduação ou pós-graduação, que estão fazendo pesquisas e são selecionados em seus países. A cientista mencionou que ela era a única pessoa proveniente da América do Sul, o que acentuou ainda mais a relevância de sua participação no evento.

Juliana destacou que nas palestras que participou no evento, apenas uma mulher foi palestrante, a cientista Esther Duflo, a segunda mulher na história a ganhar o Nobel de Economia e a mais jovem, com 46 anos (France Presse, 2019), o que reflete que o universo da pesquisa ainda é bastante fechado para as mulheres.

Dos aprendizados que teve na participação da semana Nobel, Juliana destacou que todas as falas traziam o reconhecimento do prêmio Nobel por trabalhos realizados pelos pesquisadores e pesquisadoras desde muito jovens, o que foi bastante inspirador para Estradioto, pois, nas palavras dela, “a gente sempre vê

um Nobel, sempre são pessoas muito mais velhas né, e a gente fica pensando 'nossa, mas será é possível alguém chegar lá mesmo?'" (Casagrande, 2020), de maneira que as falas mostravam que além da paixão pela pesquisa, as e os cientistas trabalhavam nos projetos desde cedo, um alento para a jovem que almeja ser premiada com um Nobel também.

Juliana também comentou, destacando o Nobel de economia que foi conquistado pela economista Esther Duflo, que as pesquisas laureadas em economia eram sobre países em desenvolvimento que não tinham tantos recursos e viam na educação uma ferramenta transformadora. Sendo a única pessoa que vivenciou essa realidade entre os diversos jovens europeus que estavam com Juliana no evento, a pesquisadora relatou que se emocionou na palestra de Duflo, pois ela se viu na pesquisa da premiada, enfatizando que que a educação é uma ferramenta de transformação e ascensão social, e que o IFRS foi uma instituição que mudou a sua vida.

Ainda sobre a experiência de participar da entrega do prêmio Nobel, Juliana relatou que ficou encantada com o acolhimento que recebeu de todos e todas. A jovem destacou que a fala do pesquisador Didier Queiloz, premiado na categoria física, direcionada aos jovens afirmando que eles eram o futuro da ciência, a encheu de esperança. Nas palavras dela: "toda vez que eu fico triste eu penso nisso, sabe, no quanto eu tive essas oportunidades muito enriquecedoras por conta da educação pública, por conta da ciência, por conta de uma professora tão incrível né" (Casagrande, 2020). A pesquisadora contou que também teve a oportunidade de apresentar o seu trabalho para o grupo de jovens que estavam no evento, mostrando que brasileiros e brasileiras também fazem pesquisa de qualidade.

A fala de Juliana nos mostra o quanto é necessário investirmos na educação e nos jovens talentos da ciência. Nesse aspecto a professora Lindamir salientou o fato de a pesquisadora ter sido a única pessoa da América do Sul no evento, e que o esforço de Juliana é inegável, mas que além da sua dedicação ela teve oportunidade e isso é algo que poucas pessoas têm no Brasil. Oportunidade que, como destacou a professora, iniciou desde a ida do IFRS para cidade de Juliana, pois dificilmente a jovem teria deixado a sua casa para cursar o ensino médio em uma cidade maior.

Respondendo à pergunta de alguém que acompanhava a live sobre ter momentos de dúvidas enquanto desenvolvia os projetos, Juliana afirmou que em vários momentos teve incertezas não só pela questão da falta de infraestrutura, como também por conta de alguns resultados frustrados. No entanto, ela fez a importante reflexão de que é preciso desmistificar a ideia de que fazer ciência é sempre alcançar o resultado esperado, pontuando que a ciência não é só conseguir comprovar hipóteses, mas é também a falha, a descoberta de que algo não funciona, e isso é igualmente válido e pode gerar outras descobertas inesperadas importantes, como por exemplo a Penicilina que foi descoberta a partir de um erro.

No que tange a importância da ciência em nossas vidas, Juliana afirmou que a ciência é uma questão de vida ou morte e a pandemia Covid-19 está evidenciando isso. A pesquisadora pontuou que a ciência muda a vida das pessoas todos os dias, como por exemplo com as vacinas que tomamos, ou então com os diversos projetos de educação que envolvem também as ciências humanas. Mas, para além dos importantes resultados que as e os pesquisadores geram, Juliana reforçou que

a ciência também é transformada por conta das e dos estudiosos, e que é preciso enxergar que as e os cientistas são pessoas que também têm suas limitações.

Encerrando a conversa, Juliana contou de seus sonhos e planos para o futuro. Muito otimista, a jovem afirmou que não tem isso de "quanto maior o sonho, maior a queda" (Casagrande, 2020), muito pelo contrário, para ela quanto maior forem nossos sonhos, mais nos dedicamos a eles, e se cairmos, levantamo-nos e tentamos de novo. A pesquisadora destacou o quão importante é termos quem nos ajude a voar em direção aos sonhos, lembrando que todo caminhar precisa de apoio.

Com bolsa que ganhou na *Northwestern University*, a jovem atualmente está estudando Comunicação e Engenharia e ainda não sabe dizer ao certo qual carreira profissional desenvolverá. Para os próximos anos Juliana tem como planos terminar a graduação, trabalhar com a comunicação e educação científica e continuar a pesquisa nas áreas de materiais para a saúde humana, campo pelo qual se apaixonou realizando suas pesquisas. Mas o seu maior sonho, afirmou, é levar oportunidades como as que teve a outros jovens, impulsionando-os assim como foi incentivada.

Em tempos em que a ciência e a pesquisa são negadas, é renovador assistir a conversa entre a jovem cientista e a professora Lindamir com anos de carreira que foi iniciada na matemática. Somente a reunião dessas duas mulheres conversando sobre temas e conquistas que geralmente são limitadas aos homens já é um movimento de transformação.

A caminhada de Juliana nos mostra a importância do tripé ensino, pesquisa e extensão que sustentam as Universidades e os Institutos Federais de educação, assim como revela que as e os adolescentes podem desenvolver grandes pesquisas, basta terem a oportunidade.

Outro destaque da conversa é o quão difícil foi desenvolver as pesquisas pela questão dos recursos. Ainda que a pesquisadora tenha encarado as situações como desafiadoras, reflete-se sobre a necessidade urgente de investimentos nas instituições que realizam as pesquisas, os quais influenciariam não só na melhora dos processos e dos resultados obtidos, mas também na possibilidade de realizar mais estudos que impactam toda a sociedade.

Egressa de instituições públicas de ensino, nota-se a preocupação de Juliana em colocar seus estudos e pesquisas a serviço da sociedade, retribuindo o investimento que recebeu. Essa perspectiva de formação não apenas para o mercado é fundamental para a construção de uma sociedade mais justa para todos e todas.

Também se nota a atenção que Juliana destina à comunicação da ciência, com o intuito de tornar o tema acessível às pessoas, parte do cotidiano. A paixão presente em sua fala é como uma ponte para o mundo da ciência e da pesquisa que comumente é apresentada como algo inalcançável para quem não está na academia.

Juliana Estradioto é a possibilidade se materializando. A inimaginável jornada de uma adolescente da pequena cidade litorânea do Rio Grande do Sul até o Prêmio Nobel na Suíça, desta vez como convidada, mas um dia, acredita-se, como premiada. É a alegria de vermos o potencial feminino vencendo as barreiras e ocupando espaços historicamente negados às mulheres, e é também a vontade de batalhar para que mais Julianas alcem voos.

Cadernos de Gênero e Tecnologia
ISSN: 1807-9415

How science changed my life

ABSTRACT

This article discusses how science can transform individual trajectories and generate social impacts, taking as a reference the story of young scientist Juliana Davoglio Estradioto, presented in a conversation held by the Conversando Sobre project. Based on an analysis of her account and documentary sources, it examines the role of public education, particularly Federal Institutes, in democratizing access to research and in the training of young scientists. Juliana's trajectory demonstrates how curiosity and a questioning attitude toward everyday problems can lead to innovative research focused on the reuse of agro-industrial waste and the production of biodegradable materials. Gender inequalities, insufficient resources, and the need to value science are also discussed. It is concluded that expanding educational and research opportunities is essential for new scientific talents to develop their potential.

KEYWORDS: Public education. Federal Institutes. Scientific initiation. Women in science. Sustainability.

Cómo la ciencia cambió mi vida

RESUMEN

El presente artículo analiza cómo la ciencia puede transformar trayectorias individuales y generar impactos sociales, tomando como referencia la historia de la joven científica Juliana Davoglio Estradioto, presentada en una conversación realizada por el proyecto Conversando Sobre. A partir del análisis de su relato y de fuentes documentales, se aborda el papel de la educación pública, especialmente de los Institutos Federales, en la democratización del acceso a la investigación y en la formación de jóvenes científicos. La trayectoria de Juliana evidencia cómo la curiosidad y la inquietud ante los problemas cotidianos pueden dar origen a investigaciones innovadoras, orientadas al aprovechamiento de residuos agroindustriales y a la producción de materiales biodegradables. También se discuten las desigualdades de género, la insuficiencia de recursos y la necesidad de valorar la ciencia. Se concluye que ampliar las oportunidades de formación e investigación es fundamental para que nuevos talentos científicos puedan desarrollar su potencial.

PALABRAS CLAVE: Educación pública. Institutos Federales. Iniciación científica. Mujeres en la ciencia. Sostenibilidad.

NOTAS

[1] Juliana Davoglio Estradioto é formada no curso técnico em Administração do Instituto Federal do Rio Grande (IFRS), atualmente estuda Engenharia e Comunicação em Northwestern University, nos Estados Unidos.

[2] Conversa realizada através do perfil @lindamirsalete, em 18 de agosto de 2020 (Casagrande, 2020).

[3] A Marcha pela Ciência (ou March for Science) é um movimento internacional em prol da valorização da ciência pelas entidades políticas (KISHI, 202-).

REFERÊNCIAS

CASAGRANDE, Lindamir Salete. **Como a ciência mudou a minha vida**. Curitiba, 18 ago. 2020. Instagram: @lindamirsalete. Curitiba, 2020. Disponível em: https://www.instagram.com/tv/CEDF8z6pGEU/?igshid=ih56okeki1m4. Acesso em: 01 mai. 2021.

ESTRADIOTO, Juliana. **Ainda sem acreditar nesse momento e mesmo assistindo esse vídeo mil vezes continua parecendo mentira @ifrsoficial @febrace @flavia_twardowski**. Instagram: @juestradioto. 2019. Disponível em: https://www.instagram.com/p/Bx2o9j3nxO8/. Acesso em: 16 mai. 2021.

FABRO, Nathalia. **Brasileira de 18 anos é selecionada para acompanhar a cerimônia do Nobel**. Revista Galileu. 2019. Disponível em: https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2019/01/brasileira-de-18-anos-e-selecionada-para-acompanhar-cerimonia-do-nobel.html. Acesso em: 3 mai. 2021.

FRANCE PRESSE. **Esther Duflo, de 46 anos, é a mais jovem a ganhar Nobel de Economia**. G1 . 2019. Disponível em: https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/10/14/esther-duflo-de-46-anos-e-a-mais-jovem-a-ganhar-nobel-de-economia.ghtml. Acesso em: 17 mai. 2021.

GUIMARÃES, Maria. **Juliana Estradioto: futuro no presente**. Pesquisa FAPESP. 2019. Disponível em: https://revistapesquisa.fapesp.br/juliana-estradioto-futuro-no-presente/. Acesso em: 16 mai. 2021.

KISHI, Kátia. **O que é a Marcha pela Ciência?**. Galoá Journal. 202-. Disponível em: https://galoa.com.br/blog/o-que-e-marcha-pela-ciencia. Acesso em: 17 mai. 2021.

PREFEITURA DE OSÓRIO. **Dados gerais**. Osório-RS, 202-. Disponível em: https://osorio.atende.net/#!/tipo/pagina/valor/3. Acesso em: 16 mai. 2021.

SAVIGNANO, Verónica. **Cientista em destaque**: **entrevista com Juliana Davoglio Estradioto**. Sociedade Brasileira de Pesquisa em Materiais. Rio de

Janeiro, 2019. Disponível em: https://www.sbpmat.org.br/pt/cientista-em-destaque-entrevista-com-juliana-davoglio-estradioto/. Acesso em: 16 mai. 2021.

SOCIETY FOR SCIENCE. **Mission and History**. Society for Science. 2021. Disponível em: https://www.societyforscience.org/mission-and-history/. Acesso em: 16 mai. 2021.

DOI: 10.3895/cgt.v18n52/51.22651
Como citar: SILVA, Barbara Antunes da. Como a ciência mudou a minha vida. Cad. Gên. Tecnol., Curitiba v. 18, n. 50/51, p. 1-10, 2025.
Direito autoral:
Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.